

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 3

Tomo I



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

PORTO, 2000

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 3 – Dezembro de 2000

Director:

Carlos Reis

Director Executivo:

Sebastião T. Pinho

Conselho Redactorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. *Por inerência:* Amet Kébé, Ana Mafalda Leite, Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carlos Reis, Christopher Lund, Cristina Robalo Cordeiro, Ettore Finazzi-Agrò, Helder Macedo, Henry Thorau, Isabel Pires de Lima, Laura Padilha, M. Carmen Villarino, Maria Manuel Lisboa, Onésimo T. Almeida, Regina Zilberman, Sebastião T. Pinho, Solange Parvaux.

Redacção:

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Faculdade de Letras

P-3000-447 Coimbra Codex

Fax 351-239.410088; E-mail: stpinho@cygnus.ci.uc.pt

Edição, administração, distribuição e assinaturas:

Fundação Eng. António de Almeida

Rua Tenente Valadim, 231/325

P-4100-479 Porto

Tel. 351-22.6067418; Fax 351-22.6004314; E-mail: fundacao@feaa.pt

Paginação: José Soares Pinto – Porto

Impressão e acabamento: SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Autoria da capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa

Depósito Legal N.º 137737/99

ISSN 0874-5102

Revista integralmente patrocinada pela



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES

ÍNDICE

Tomo I

CARLOS REIS – Apresentação.....	9
E. M. DE MELO E CASTRO – NU no NU.....	11
VIRGÍLIO DE LEMOS – POESIA hoje.....	15
ÂNGELA VAZ LEÃO – Questões de linguagem nas <i>Cantigas de Santa Maria</i> , de Afonso X.....	21
DAVID BROOKSHAW – Entre o real e o imaginado: o Oriente na narrativa colonial portuguesa.....	33
FRANCISCO FERREIRA DE LIMA – Paraíso e Inferno na Bahia de Gabriel Soares de Sousa.....	43
K. DAVID JACKSON – Ruínas de Império: a cidade-fortaleza de Chaul ..	55
LÉLIA PARREIRA DUARTE – <i>Os Lusíadas</i> , de Camões, e a <i>Peregrinação</i> , de Fernão Mendes Pinto: diferentes perspectivas das portuguesas viagens?.....	67
JOÃO ADOLFO HANSEN – Ler & Ver: Pressupostos da representação colonial	75
MARIA HELENA D. T. C. UREÑA PRIETO – Astrolatria e astrologia em Portugal nos séculos XVII e XVIII.....	91
MARIA JOSEFA POSTIGO – Os provérbios de <i>Don Quijote de la Mancha</i> nas Traduções em Português.....	101
XOSÉ MANUEL DASILVA – Anticastelhanismo e Sebastianismo nas traduções espanholas do <i>Frei Luís de Sousa</i>	117

ANNE-MARIE PASCAL – A abolição da escravatura e o teatro português (XVIII-XIX) – A polémica, o exemplo, e a utopia	127
CONSTÂNCIA LIMA DUARTE — O olhar de uma viajante brasileira: Nísia Floresta.....	141
BERTHOLD ZILLY – A reinvenção do Brasil a partir dos sertões: viagem e literatura em Euclides da Cunha.....	149
LUCETTE PETIT – Machado de Assis à “Roda da Vida”: Das <i>Memórias</i> <i>Póstumas</i> ao <i>Memorial de Aires</i>	161
CARLOS ALBERTO PASERO – Reflexos no Oriente: aristocracia e indus- trialização n’A <i>Relíquia</i> de Eça de Queirós	171
PAULO MOTTA OLIVEIRA – Fradique Mendes: Eça, a heteronímia e o vencidismo.....	185
REGINA ZILBERMAN – De <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> a <i>Grande</i> <i>sertão: Veredas</i> – o demônio em viagem	195
LEYLA PERRONE-MOISÉS – Cesário Verde: um “astro sem atmosfera”? ...	217
ANNA KLOBUCKA – Fernando Pessoa, o poeta amoroso? Fragmentos de um discurso	227
MARIA IRENE RAMALHO DE SOUSA SANTOS – Interrupção poética: um conceito pessoano para a lírica moderna	235
MÓNICA ELENA SERRA HÜGLI – Escritas de leituras na poética de Drummond	255
ANA PAULA FERREIRA — O conto da mulher nos anos quarenta	265
ANA SOFIA GANHO – Luíza Neto Jorge: <i>Ekphrasis</i> e Iconotexto	277
CLAUDIA PAZOS ALONSO – Do centro e da periferia: uma re-leitura de <i>Laços de Família</i>	287
RUTH SILVIANO BRANDÃO – A nau catrineta: velhas receitas, novos sabores.....	301
ISABEL PIRES DE LIMA – Concertos/Desconcertos: arte poética e busca do sujeito na poesia de Ana Luísa Amaral.....	307
LÚCIA CASTELLO BRANCO — Por graça da textualidade.....	319
ANA PAULA ARNAUT — <i>O Delfim</i> : silêncios inquietos.....	333
ADRIANA ALVES DE PAULA MARTINS – <i>Todos os Nomes</i> ou uma viagem pelos labirintos da cidade na busca do nome que cada um tem	341

Tomo II

LUCIANA STEGAGNO PICCHIO – O futuro do passado: <i>O Ano de 1993</i> de José Saramago.....	351
VERA LÚCIA CASA NOVA – Fragmentos de um itinerário amoroso: Saramago, <i>Viagem a Portugal</i> (1981).....	363
ANNA KALEWSKA – As modalizações anti-épicas na narrativa portuguesa contemporânea: José Saramago, António Lobo Antunes e Mário Cláudio	371
MARIA LÚCIA DAL FARRA – De Pedro a Paula: um caso de amor de Helder Macedo	389
MÓNICA FIGUEIREDO – O corpo, esta casa no mundo: a propósito de <i>Pedro e Paula</i> de Helder Macedo	401
MARIA THERESA ABELHA ALVES – A peregrinação iniciática de Barnabé das Índias	411
MARIA LUÍZA RITZEL REMÉDIOS – <i>Cavaleiro andante</i> : identidade nacional e o processo de dispersão do ser português.....	419
VILMA ARÊAS – Além do princípio da superfície: <i>O filantropo</i> , de Rodrigo Nunes	429
CHRISTOPHER F. LAFERL – O clichê da terra: a Bahia de Dorival Caymmi	441
JOSÉ MARIA PEDROSA CARDOSO – Da especificidade da música sacra portuguesa nos séculos XVI e XVII.....	451
MARIA DO AMPARO CARVAS MONTEIRO – Polifonia aquática	467
AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA – Lusofonia: mentiras e realidade	475
ANTONIO CANDIDO – Livros e pessoas de Portugal.....	483
MARIA ARMANDINA DA CRUZ MAIA – Pátria, uma trajectória de deriva ..	493
BEATRIZ RESENDE – Imagens da exclusão	509
BENJAMIN ABDALA JUNIOR – Terra morta e outras terras: sistemas literários nacionais e o macrossistema literário da língua portuguesa .	523
RUSSELL G. HAMILTON – A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial .	537

TANIA FRANCO CARVALHAL – De mar a mar: entre viagens nas literaturas portuguesas e brasileiras	549
ETTORE FINAZZI-AGRÒ – Geografias da Memória. A Literatura Brasileira entre História e Genealogia	557
ERMELINDA GALAMBA – Ser português na China	569
GERHARD BRUNN – Comunicação intercultural entre Europa e Brasil: a contribuição de Johann Moritz von Nassau-Siegen (1637-1644)....	579
MICAELA GHITESCU – Cultura luso-brasileira na Roménia	589
BENJAMIM PINTO BULL – Senghor, o Brasil e Portugal: alguns marcos culturais lusófonos	597
RENATO CORDEIRO GOMES – Cidade e nação na narrativa brasileira contemporânea: uma guerra de relatos.....	609
ARMANDO JORGE LOPES – Em direcção ao primeiro léxico de usos do português moçambicano	621
ENEIDA DO REGO MONTEIRO BOMFIM – Que tratamento dar ao Rei?.....	633
MARIA HELENA MIRA MATEUS – A Face Exposta da Língua Portuguesa.	647
MICHEL LABAN – Reflexões sobre a elaboração de um inventário das particularidades do português de Moçambique através da literatura	655
TOM EARLE – O ensino do português nas universidades britânicas	665
SOLANGE PARVAUX – O ensino da língua portuguesa no segundo grau em França.....	671
MARIA JOSÉ MOTTA VIANA e ADRIANA CASTILHO — “A coisa melhor do mundo”: o tempo e o modo de um discurso	687
EVANILDO BECHARA – Herculano de Carvalho: In Memoriam (1924-2001).....	693

APRESENTAÇÃO

O número da revista *Veredas* que agora se publica contempla, nos seus dois tomos, algumas das mais significativas participações no VI Congresso Internacional de Lusitanistas.

Culminando uma dinâmica de crescimento que importa registar, o VI Congresso foi um momento privilegiado de encontro dos lusitanistas de todo o mundo. No Brasil, grande país onde a Língua Portuguesa constantemente se renova e afirma como fecundo e singular idioma de cultura, em Agosto de 1999, o VI Congresso permitiu evidenciar o potencial agregador da Associação Internacional de Lusitanistas, graças também ao culto de uma diversidade – de disciplinas, de temas e de orientações metodológicas – que constitui, só por si, um importante capital de investimento científico e cultural. Professores, investigadores e escritores de diferentes nacionalidades, gerações e formações, fizeram do VI Congresso um momento de reflexão conjunta, plural e aberta, como devem ser os congressos científicos; a congregar todas as participações, a consciência comum de que a Língua Portuguesa é, ao mesmo tempo, veículo de estudo e tema de indagação, nos diferentes países e universidades em que as culturas e as literaturas de expressão portuguesa são pólo de agregação de estudiosos e de unidades de investigação e de docência.

Os dois tomos do número 3 de *Veredas* traduzem muito do que acima fica dito. E o que neles se encontra – a par do que será ainda publicado, em edição electrónica – ficou a dever-se à capacidade motivadora e organizativa da equipa que deu corpo ao VI Congresso, sob a liderança de Cleonice Berardinelli, a quem, com justiça e propriedade, alguém chamou um dia “aula magna da literatura portuguesa”.

Publicar os textos que se seguem, nestes dois tomos, é também uma forma de homenagear a comissão organizadora do VI Congresso.

Este é o primeiro número de *Veredas* da responsabilidade da direcção eleita no congresso do Rio de Janeiro. E neste número, o que com *Veredas* se pretende é justamente dar a continuidade merecida ao trabalho dos anteriores corpos directivos, na certeza de que assim se consolida a Associação Internacional de Lusitanistas e se reforça a razão de ser da sua existência.

Tal como aconteceu com os dois números anteriores, também este é publicado graças à generosidade da Fundação Eng. António de Almeida. Por isso mesmo, deve aqui ser prestada, na pessoa do Doutor Fernando Aguiar-Branco, a justa homenagem de gratidão que as circunstâncias justificam.

CARLOS REIS

Escritas de leituras na poética de Drummond

Mónica Elena Serra Hügli

Argentina, Universidade de Buenos Aires

A Maria Julieta

Ao longo de sua produção poética, Carlos Drummond de Andrade convoca e evoca numerosos escritores de todos os tempos mediante a leitura de suas obras, que incorpora, poetizando-as, na sua. Pesquisando dedicatórias de livros ou de poemas, epígrafes, citações, apropriações, alusões, montagens, paródias de textos, pode-se percorrer e reconstruir a ‘aventura-da-viagem-pela-leitura’ que viveu o poeta que, «enquanto poeta, [...] foi antes de mais nada um extraordinário leitor, tão ou mais extraordinário que os críticos e profissionais de sua época» – como assinalou acertadamente Silviano Santiago em seu “Posfácio” a *Farewell*.¹

Entre os autores clássicos, os mais freqüentados foram Dante (AP), Petrarca (AP) (RP), Camões (AP) (RP) (CE) (MMB) (F), Cervantes (IB) (F), Virgílio (C).²

¹ Silviano Santiago, “Posfácio”, Carlos Drummond de Andrade, *Farewell*, Rio de Janeiro, Record, 1996, p. 124-125.

² Remeto às obras de Drummond mediante as seguintes siglas: AP (*Alguma Poesia*), BA (*Brejo das Almas*), SM (*Sentimento do Mundo*), J (*José*), RP (*A Rosa do Povo*), NP (*Novos Poemas*), CE (*Claro Enigma*), FA (*Fazendeiro do Ar*), B I (*Boitempo I*), IB (*As Impurezas do Branco*), C (*Corpo*), MMB (“Mosaico de Manuel Bandeira”), PE (*Poesia Errante*), F (*Farewell*).

Dos escritores portugueses, o mais visitado – depois de Camões – foi Fernando Pessoa (AP) (CE) (F).³

Reconstruindo o itinerário de leituras que Drummond percorreu, através de uma análise de sua escritura poética em suas primeiras e últimas obras, pode-se observar que já no poema “Infância” do seu livro de estréia, *Alguma poesia*, se aprecia que a leitura de *Robison Crusoe* exerce um poder transformador sobre a leitura que o menino faz da realidade provinciana de Itabira e de sua família: «[...] Eu sozinho menino entre mangueiras / lia a história de Robinson Crusoe, / comprida história que não acaba mais. / [...] E eu não sabia que minha história / era mais bonita que a de Robinson Crusoe» (p. 11).⁴

Entre seus conterrâneos, Manuel Bandeira foi quem o autor mais leu e reescreveu.⁵ Na “Ode no cinqüentenário do poeta brasileiro”,

³ A presença da obra de Camões na de Carlos Drummond foi estudada exaustivamente por Gilberto Mendonça Teles em *Camões e a poesia brasileira*, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1979, 3.^a ed. Também por: José Guilherme Merquior, *Razão do poema*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965, p. 77-78; Silviano Santiago, “Camões e Drummond: A Máquina do mundo”, *Hispania* 3 (New Jersey, 1966); Gilberto Mendonça Teles, *Seleção em prosa e verso*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1971, p. 146-148; Affonso Romano de Sant’Anna, *Carlos Drummond de Andrade: Análise da obra*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980, 3.^a ed., p. 238-249, e *Drummond / O Gauche no tempo*, Rio de Janeiro, Record, 1992, 4.^a ed., p. 237-248. *Vid.* aliás: Carlos Drummond de Andrade, “Em A / grade / cimento”, *Viola de bolso II* (José & outros, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1967).

⁴ Salvo outra indicação, cito os poemas por Carlos Drummond de Andrade, *Fazendeiro do Ar & Poesia até Agora*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1955.

⁵ Por exemplo, em AP, SM, IB, MMB. Outros foram: Gonçalves Dias (AP) (RP); Mário de Andrade (AP) (RP) (CE) (PE); Ribeiro Couto, Cyro dos Anjos (AP); Pedro Nava (AP) (PE); Emílio Moura (AP) (IB) (C); Abgar Renault (AP) (C); Schmidt, Bilac (SM); Otto Maria Carpeaux (J); Vinícius, Murilo Mendes, Antonio Candido, João Cabral de Melo Neto, Josué Montello (RP); Paulo Ronai (NP); Mário Quintana (CE); Américo Facó, Jorge de Lima (FA); Raul Pompéia, Darcy Ribeiro (IB); Rui Barbosa, Aníbal Machado, Alceu Amoroso Lima (C); Machado de Assis (MMB); Raul Bopp, Odylo, Ghillermino César, Henriqueta Lisboa, Silva Brito (PE).

Dos escritores e pensadores que se exprimiram em outras línguas, além dos citados entre os clássicos, visitou Defoe (AP) (BI); Anatole France (AP); Baudelaire (SM) (PE); Rimbaud (SM) (CE); Maiakovski (SM) (RP); Neruda, Ronsard (RP); Apollinaire (RP) (PE); Federico García Lorca (NP); Valéry, Rilke, Blake (CE); Jack London, Vachel Lindsay, Hart Crane, Walter Benjamin, Cesare Pavese, Stefan Zweig, Virginia Woolf (IB); Stéphane Mallarmé, Schopenhauer (C); Freud (C) (PE); Shakespeare, Schiller (MMB); Epicuro, Descartes, Dr. Schwartz, Victor Hugo, Verlaine, Leibniz, Plotino, Baruch Spinoza, Kant, Santo Tomás de Aquino (PE); Conde de Lautréamont, Erasmo de Rotterdam (F).

incluída em *Sentimento do mundo*, encontramos facilmente vestígios da leitura que faz Drummond da obra desse poeta:

[...] Não é o canto da andorinha, debruçada nos telhados da Lapa, / anunciando que a tua vida passou à toa, à toa. / Não é o médico mandando exclusivamente tocar um tango argentino, / diante da escavação no pulmão esquerdo e do pulmão direito infiltrado. / Não são os carvoeirinhos raquíticos voltando encarapitados nos burros velhos. / Não são os mortos do Recife dormindo profundamente na noite [...]. (p. 152)

Por ocasião do centenário do nascimento de Manuel Bandeira, foi publicado o livro *Bandeira, a Vida Inteira*, no qual foi incluído “Mosaico de Manuel Bandeira”, um total de vinte e um poemas de Carlos Drummond de Andrade conformados por uma conjunção magistral de vida e obra do poeta amigo, como pode apreciar-se em “Itinerário”, que resume a vida de Bandeira através de versos compostos com os nomes de algumas das ruas onde este morou, e ao mesmo tempo remete à “Evocação do Recife”, do poeta celebrado, quando Drummond escreve acerca dessas ruas: «todas elas formando um halo / em torno à Rua da União».⁶

Em “Antologia” Drummond faz uma montagem de versos de Manuel Bandeira e desse jeito percorre sua obra:

Felizmente existe o álcool na vida. / Uns tomam éter, outros cocaína. / Eu tomo alegria! / Minha ternura dentuça é dissimulada. / Tenho todos os motivos menos um de ser triste. / Estou farto do lirismo comedido. / Como deve ser bom gostar de uma feia! / Pura ou degradada até a última baixeza / eu quero a estrela da manhã. /... os corpos se entendem, mas as almas não. / — Bendita a morte, que é o fim de todos os milagres. (p. 25)

Intervem ainda, na escrita de Carlos Drummond, a leitura da letra jornalística, como acontece no seu segundo livro – *Brejo das Almas* – onde o autor insere, a modo de explicação do título, uma nota informativa extraída de *A Pátria*, que diz:

BREJO DAS ALMAS é um dos municípios mineiros onde os cereais são cultivados em maior escala. Sua exportação é feita para os mercados de Montes Claros e Belo Horizonte.

⁶ Carlos Drummond de Andrade, “Mosaico de Manuel Bandeira”, *Bandeira, a Vida Inteira*, Rio de Janeiro, Edições Alimbramento/Livroarte Editora, 1986, p. 9.

Há também grande exportação de toucinho, mamona e ovos.

A lavoura de cana-de-açúcar tem-se desenvolvido bastante.

Ultimamente, cogita-se da mudança do nome do município, que está cada vez mais próspero.

Não se compreende mesmo que fique toda a vida com o primitivo: Brejo das Almas, que nada significa e nenhuma justificativa oferece.

(D'A *Pátria*, 6-VIII-1931) (p. 81)

No caso de *Claro Enigma*, o poeta introduz uma nota aclaratória na que explica a gênese do poema "Os bens e o sangue" a partir da leitura de documentos de compra e venda de datas de ouro no nordeste de Minas Gerais, em meados do século XIX.⁷

Além de ter poetizado a documentação consignada, na primeira parte do seu poema, Drummond se vale também da linguagem, da redação e da grafia do original:

Às duas horas da tarde deste nove de agosto de 1847 / nesta fazenda do Tanque e em dez outras casas de rei, q̃ não de valete, / em Itabira Ferros Guanhães Cocaís Joanésia Capão / diante do estrume em q̃ se movem nossos escravos e da viração / perfumada dos cafezais q̃ trança na palma dos coqueiros / [...] deliberamos vender, como de fato vendemos, cedendo posse jus e domínio / [...] nossas lavras mto nossas por herança de nossos pais e sogros bem amados / q̃ dormem na paz de Deus entre santas e santos martirizados.[...] (p. 473).

Ao longo de seus escritos poéticos, Drummond se mostra também como notável leitor de artes plásticas.⁸ Em "A tela contemplada",

⁷ Aclara Drummond:

«O poema "Os bens e o sangue" foi publicado pela revista *Anhembi*, de São Paulo (n.º 2, fevereiro de 1951), precedido da seguinte nota:

Embora persuadido de que não cabe explicação para um poema, além da que ele mesmo traz consigo, o autor julga conveniente informar quanto à gênese desta composição.

Resoluiu ela da leitura de um maço de documentos de compra e venda de datas de ouro no nordeste de Minas Gerais, operações essas realizadas em meados do século XIX. Simultaneamente, certo número de proprietários, integrantes da mesma família, resolveu dispor de tais bens, havidos por meio de herança ou de casamento [...].

Não se procure em dicionário o significado de *lajos* e *andridos*, palavras existentes no contexto, e que são meras variações de nomes de famílias da região.

O nome Belisa, dado a animais, consta de inventário da época.» (p. 549-550)

⁸ Em sua obra estão presentes: Portinari (SM) (RP) (IB) (F); Cézanne (RP); Picasso (RP) (IB); Tarsila, Bianco, Fayga Ostrower, Wega, Klee (IB); Watteau (C); Pedro Nava

de *Claro Enigma*, já se observa esta inclinação do poeta, que se irá acentuando em seus livros posteriores.

Neste eixo se destaca “Arte em exposição”, incluída mais tarde em *Farewell*, editado postumamente em 1996.⁹ Trata-se de uma coleção de composições breves nas que o “poeta-leitor” glosa expressões artísticas de épocas e tendências estéticas muito variadas, realizando interpretações originais e interessantes reflexões, como em “Sapatos” (*Van Gogh*): «Cansaram-se de caminhar / ou o caminho se cansou?» (p. 35).

A propósito desta faceta do poeta, Silviano Santiago observa:

Não se pode dizer que, enquanto apreciador de obras de arte, Drummond se apresente como um crítico profissional. Raramente ele aprecia *o todo* do quadro, ou seja, os diversos movimentos de sua composição. Trata-se antes de um olho crítico seletivo e, principalmente obsessivo. Seus olhos vão diretamente ao detalhe que dá forma ao quadro ou à escultura e que, para ele, ilumina o todo se ilumina sob a forma de poema.¹⁰

Exemplo disto é, entre outros muitos poemas, “A Duquesa de Alba” (*Goya*), sobre o qual Drummond escreveu: «Ser o cachorrinho da Duquesa / é de certo modo / ser uma partícula da Duquesa» (p. 36). Ou “Gioconda” (*Da Vinci*): «O ardiloso sorriso / alonga-se em silêncio / para contemporâneos e pósteros / ansiosos, em vão, por decifrá-lo. / Não há decifração. Há o sorriso.» (p. 37).

O artista plástico brasileiro mais visitado por Drummond é Cândido Portinari, a quem aqui dedica “Tiradentes” (*Portinari*) (p. 32-33). Drummond já tinha lido a arte de Portinari no poema dedicado a este, “A noite dissolve os homens”, que forma parte de *Sentimento do mundo* (p. 161); aparece citado em “Mário de Andrade desce aos infernos”, de *A Rosa do Povo* (p. 368), em “Aspectos de uma casa”,

(PE); Goya, Van Gogh (PE) (F); Sasseta, Soutine, Velasquez, Modigliani, Munch, Da Vinci, Carrá, Matisse, Henri Rousseau, Corot, Fra Angelico, Manet, Ticiano, Bernini, Jan van Eyck, Giorgione, Houdon, Chagall, Mondrian, Miró, Rubens, Miguel Ângelo, Da Vinci, Quentin Metsys (F).

⁹ *Arte em Exposição*, Rio de Janeiro, Salamandra – Record, 1990. Vid. Humberto Werneck, “O ninho da poesia”, Carlos Drummond de Andrade, *Farewell*, ed. cit., p. 12.

¹⁰ Silviano Santiago, art. cit., p. 125.

de *As Impurezas do Branco*,¹¹ e em “Legendas para 12 estampas de carnaval”, de *Poesia Errante*.¹²

Em *As Impurezas do Branco*, em 1973, também se publicam glosas de Drummond de Andrade a desenhos de Portinari, originariamente realizados com o propósito de ilustrar a edição projetada por José Olympio do *Quijote* de Cervantes.¹³ A série de poemas se intitula “Quixote e Sancho: de Portinari”. São vinte-e-uma composições de técnica muito variada (desde o soneto alexandrino até a poesia concreta) nas que o poeta realiza uma dupla leitura: por um lado a da imagem pictórica – resultado da leitura de Portinari – e, por outro, a da obra literária subjacente. Leituras que se traduzem em escritura.¹⁴

Para “D. Quixote de cócoras com idéias delirantes” de Portinari, Drummond escreveu o “I / Soneto da loucura”, com uma feição clássica, se se quiser (soneto alexandrino), mas alterada, pois se bem respeita as estrofes (dois quartetos e dois tercetos) e a medida do verso (dodecasílabos), não faz o mesmo com a rima – supostamente cruzada, já que não existe –, que se sugere transtornada: p.e. no primeiro quarteto «quimera» (v. 1) rima com «eras» (v. 3), mas a «espantos» (do v. 2) corresponde «Garamantas» (do v. 4). Assim se lê, no segundo quarteto, a explicação da locura de Don Quixote segundo o ponto de vista do personagem: «Rola em minha cabeça o tropel de batalhas / jamais vistas no chão ou no mar ou no inferno. / Se da escura cozinha escapa o cheiro de alho, / o que nele recolho é o olor da glória eterna.» (p. 66). Em “III / O esguio propósito” – que corres-

¹¹ Carlos Drummond de Andrade, *As Impurezas do Branco*, Rio de Janeiro, Record, 1993, 6.^a ed., p. 125.

¹² Carlos Drummond de Andrade, *Poesia Errante*, Rio de Janeiro, Record, 1996, 7.^a ed., p. 75.

¹³ A edição ilustrada do romance não se concretizou, mas os desenhos de Portinari ficaram. Dez anos depois de sua morte, ‘la Fundación Castro Maya, propietaria de los dibujos, decide publicarlos acompañados de pequeños fragmentos de la obra de Cervantes y de glosas poéticas encomendadas a Carlos Drummond de Andrade’ (Vera de Alencar, “La historia”, *D. Quixote – Portinari / Drummond*, Buenos Aires, Fundación Centro de Estudos Brasileiros, 1997, s.p.). Nasceu assim o livro *D. Quixote, Cervantes, Portinari, Drummond* (Rio de Janeiro, Funenseg, 1996).

¹⁴ Tenho estudado mais pormenorizadamente esta série de poemas em “Drummond da notícias de España”, *El hispanismo al final del milenio*, Actas del V Congreso Argentino de Hispanistas, Córdoba, Comunicarte, 1999, p. 1461-1467.

ponde a “D. Quixote a cavalo com lança e espada” – Dom Quixote é retratado pelo poeta da seguinte maneira:

Caniço de pesca / fisingando no ar, / gafanhoto montado / em corcel magriz,
/ espectro de grilo / cingindo loriga, / fio de linha / à brisa torcido, / relâmpago / ingênuo / furor / de solitárias horas indormidas / quando o projeto invade a noite obscura. // Esporeia / o cavalo, / esporeia / o sem-fim. (p. 67-68).

Em “IV / Convite à glória”, Drummond de Andrade glosa “Sancho Pança atende ao chamado de D. Quixote”, que ilustra a segunda saída do fidalgo, já acompanhado por seu escudeiro (*Quijote*, I, 7). Faz isso mediante o seguinte diálogo entre os dois personagens, que consiste antes num monólogo de Dom Quixote e quase sempre a mesma réplica por parte de Sancho, e que exemplifica claramente as obsessões de ambos:

– Juntos na poeira das encruzilhadas conquistaremos a glória. / – E de que me serve? // – Nossos nomes ressonarão / nos sinos de bronze da História. / – E de que me serve? // – Jamais alguém, nas cinco partidas do mundo, será tão grande. / – E de que me serve? // – As mais inacessíveis princesas se curvarão / a nossa passagem. / – E de que me serve? // – Pelo teu valor e pelo teu fervor / terás uma ilha de ouro e esmeralda. / – Isto me serve. (p. 68).

Para “D. Quixote e Sancho Pança saindo para suas aventuras”, que remete ao mesmo capítulo do *Quijote*, Drummond escreveu “V / Um em quatro”, amostra de poema verbi-voco-visual que se reproduz a seguir (p. 69):

A		Z
b		y
	A & b	Z & y
	Ab	yZ
	A B Y Z	

quadrigeminados
quadrimembra jornada
quadripartito anelo
quadrivalente busca
unificado anseio

um cavaleiro um cavalo um jumento um escudeiro

Em “XX / Antefinal noturno” (p. 80-81), que glosa “D. Quixote deitado e aldeões disputando”, aparece um verso – ‘cavaleiro desengano’ – com o que o poeta qualifica Alonso Quejana e que relaciona este poema com outro, já fora desta série, no qual o autor retoma a figura de Dom Quixote para identificar-se com ele. Trata-se de “O malvindo” de *Farewell*:

[...] Este, o triste cavaleiro / de tristíssima figura / que nem mesmo teve a graça / de estar ao lado de Alonso / e poder narrar eventos / nos quais entrou de mau jeito / mas com sabor de epopéia. / [...] Sua ficha – foi rasgada, / por ausência de sinais. / Seu nome – por que sabê-lo? / E sua vida completa / já nem é vida, é jamais. (p. 74-75)

Drummond leu também esculturas, como em “O vôo sobre as igrejas”, de *Brejo das Almas* (p. 97-98), onde percorre a arte do Aleijadinho e sua vida:

Era uma vez um Aleijadinho, / não tinha dedo, não tinha mão, / raiva e cinzel, lá isso tinha, / era uma vez um Aleijadinho, / era uma vez muitas igrejas / com muitos paraísos e muitos infernos, / era uma vez São João, Ouro Preto, / Mariana, Sabará, Congonhas, / era uma vez muitas cidades / e o Aleijadinho era uma vez (p. 98).

Deve-se destacar que o último escrito de Drummond – segundo nos informa Humberto Werneck – foi «um texto em prosa, feito para ele e sem pretensão literária: um projeto para uma galeria de esculturas ambulante», que sua filha deixou inconcluso.¹⁵

A partir da leitura de imagens fotográficas o poeta evoca sua terra em “Imagem, terra, memória”, “*Sobre uma coleção de velhas fotografias de Brás Martins da Costa*” (F, p. 63-67). Esta «fotoviagem» (p. 67) já tinha sido empreendida em “Os mortos de sobrecasaca” (SM), continuado em “Retrato de família” (RP) e chega até o último livro de Drummond, em “A grande dor das cousas que passaram” (F), onde a ‘memória-imagem’ fotográfica se une à ‘memória-imagem’ da letra de Camões (F, p.18).

‘Memória-imagem’ que se projeta em poemas que expressam sua inclinação pelo cinema, como em “Indecisão do Meyer” – de *Sentimento*

¹⁵ Humberto Werneck, “Prefácio: O ninho da poesia”, Carlos Drummond de Andrade, *Farewell*, ed. cit., p. 12.

do mundo-, e em outros nos que evoca – mediante a leitura de filmes– toda uma trajetória cinematográfica, como em “Canto ao homem do povo Charlie Chaplin”, de *A Rosa do Povo*. Neste extenso poema percorre a filmografia do genial Carlitos e a resume no verso final: ‘ó Carlito, meu e nosso amigo, teus sapatos e teu bigode caminham numa estrada de pó e esperança’. Em *Lição de Coisas* dedica a Chaplin “A Carlitos”.¹⁶

Retoma esta leitura da imagem fílmica em “Os 27 filmes de Greta Garbo”, de *Farewell*, escrito a partir de sua leitura de um ‘livro que lhe presenteou o neto Luís Maurício, conhecedor de sua incurável paixão pela mitológica atriz sueca’, informa Humberto Werneck em seu “Prefácio” a *Farewell*.¹⁷

Em *Poesia Errante*, também póstumo, cuja forma final foi estabelecida pelo neto Pedro Augusto Graña Drummond e Lygia Fernandes,¹⁸ no poema “Papo com Lumière” agradece aos inventores do cinema, que «[...] criaram um outro mundo dentro do mundo velho e bocejante. / Libertaram as paisagens, soltaram as imagens: / elas agora entram em nossas casas, misturam-se com as nossas vidas. / – Maravilha...» (p. 39).

Carlos Drummond de Andrade: homem-poeta povoado de imagens, «vida última dos seres» (F, p. 67), vida-poesia atravessada por «o prazer das imagens».¹⁹

“Obrigado, meu velho!” (PE, p. 40).²⁰

¹⁶ Carlos Drummond de Andrade, *Lição de Coisas*, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1962.

¹⁷ Humberto Werneck, *ibidem*, nota 15.

¹⁸ *Id.*, *ibid.*, p. 11.

¹⁹ “Carlos Drummond de Andrade, *O Prazer das Imagens*, São Paulo, Ed. Hamburg, 1987.

²⁰ O itálico é meu.

